



SINOPSE

KITSUNE

A morte esquece-se no ritmo acelerado do dia a dia, no afastamento da natureza, principalmente nos grandes centros urbanos, oculta-se essa realidade tornando-a algo que, apesar de inevitável, parece poder ser constantemente adiada.

Nas grandes cidades morre-se cada vez mais só.

Da reflexão sobre a morte surge também e inevitavelmente uma reflexão sobre a vida, sobre o estar vivo e sobre o antigo ritual de encontro e aceitação da morte como parte do ciclo natural.

Este projeto pretende ser um elogio da vida, do reencontro com a simplicidade, do brincar, do amar, do prazer encontrado nas pequenas tarefas diárias, do recordar sem arrependimentos e de calma, mas também de resgatar a possibilidade de dizer adeus.

Olhar a morte nos olhos, servir-lhe uma sopa quente e dar-lhe a mão.

Espectáculo integralmente sem texto.



FICHA ARTÍSTICA

KITSUNE

A partir de um conto de

Júlio Vanzeler

Encenação e cenografia

Rui Queiroz de Matos e Júlio Vanzeler

Marionetas e ilustração

Júlio Vanzeler

Figurinos

Patrícia Valente

Música

Pedro Cardoso

Desenho de luz

Filipe Azevedo

Interpretação

Micaela Soares, Rui Queiroz de Matos e Vitor Gomes

Produção

Sofia Carvalho

Design gráfico e assistência de produção

Pedro Ramos

Operação de luz e som

Filipe Azevedo

Técnicos de construção

João Pedro Trindade e Rosário Matos

Construção de figurinos

Carla Pereira

Fotografia de cena

Susana Neves

RIDER TÉCNICO

KITSUNE

PALCO

Mínimo: 10m - boca de cena / 8m - profundidade - 6m altura

CENA NEGRA

Cena Negra - 1 fundo negro, cena à alemã (ver planta em anexo)

Chão negro (linóleo ou madeira)

LUZ

Dimmers digitais - 40 circuitos - Prot. Com. DMX512

Mesa de luz grandMA 2 CommandWing (Material da companhia)

Varas de luz (ver planta em anexo)

Projetores: (Ver planta de luz)

8x Recortes 1000W 12/28 (com facas e porta-filtro)

15x Recortes 1000W 23/50 (com facas e porta-filtro)

8x PC 1000W (com porta-filtro)

9x PAR 64 1000W (7x CP62 - 2x CP61) (com porta-filtro)

Filtros:

(material da companhia)

SOM

- Sistema de PA adequado à sala

- 2x monitores colocados no palco (direita e esquerda)

- Mesa de som mínimo 2 canais (material da companhia)

- Leitor de CD duplo

BASTIDORES

- 3 Camarins individuais ou 1 colectivo

MONTAGEM

- 12 horas (3 turnos de 4h)

Desmontagem e carga:

- 2 horas

STAFF NECESSÁRIO

KITSUNE

- 2 carregadores para descarga e carga
- Técnico de luz
- Técnico de som

PLANO DE TRABALHO

	CENOGRAFIA	CENA NEGRA	LUZ	SOM
1º Turno / 4 horas	Montagem	Montagem	Montagem	Montagem
2º Turno / 4 horas		Afinação	Afinação	Afinação e testes
3º Turno / 4 horas			Programação e Ensaio Geral	Ensaio Geral

NOTAS

- Para iniciar a montagem o palco e a teia devem estar limpos e sem quaisquer equipamentos.
- É utilizado um tanque com 100L de água.

Duração do espectáculo: **50 minutos**

Classificação etária: **maiores de 12 anos**

Menções obrigatórias em todo o material promocional do espectáculo:

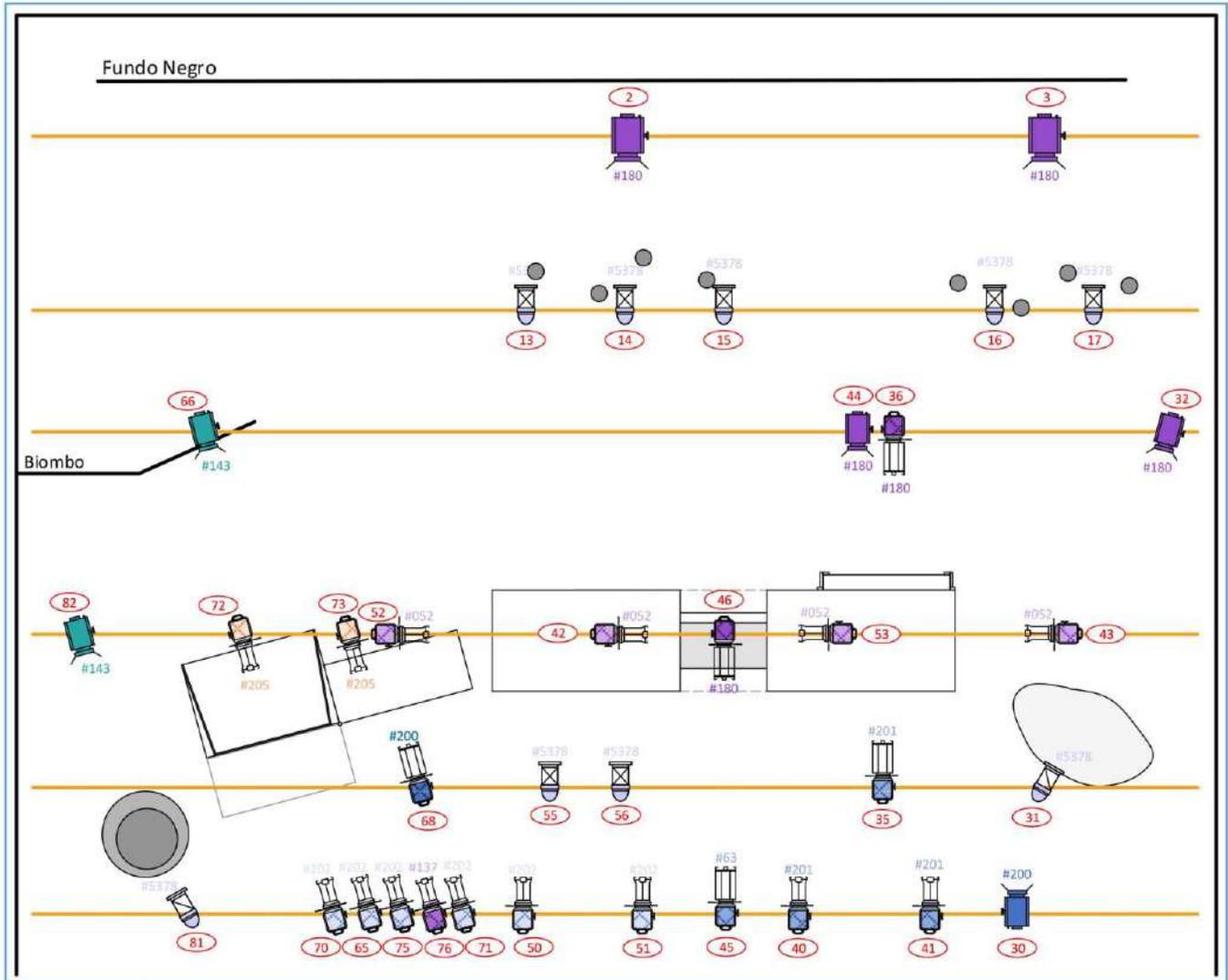
Estrutura financiada por República Portuguesa/Ministério da Cultura e DGArtes

Coprodução Teatro de Marionetas do Porto/Cine Teatro Constantino Nery

(com inserção de logotipos).

PLANTA DE LUZ

KITSUNE



CRÍTICAS

KITSUNE

O corvo, a raposa e a morte [Kitsune]

Catarina Firmo

FIMP – Festival Internacional de Marionetas do Porto

Teatro Rivoli, 20 outubro 2016

Vem do Oriente a mais recente criação das Marionetas do Porto. “Kitsune”, que significa “raposa” em japonês, desafia-nos a uma reflexão sobre a morte que é acima de tudo um elogio da vida e um convite para restaurar rituais. Na dança Butô, a ideia de aceitação da morte surge como princípio fundador, tal como nas artes marciais: aceitar a morte antes de entrar em cena para não se preocupar com ela durante a acção. “Olhar a morte nos olhos, servir-lhe uma sopa quente e dar-lhe a mão” é a divisa deste espectáculo.

Uma paisagem de Inverno com árvores nuas, uma casa rodeada de neve e uma pedra negra oval. Três intérpretes vestidos de kimonos escuros entram em cena. São corpos que se entrelaçam, criando figuras zoomórficas: uma ave e um animal felino surgem a partir de uma dança de movimentos lentos, fluidos e harmoniosos. São corpos ligados à terra, como no teatro tradicional japonês: joelhos flectidos, ancas e ombros recuados e mãos que indicam o caminho, num equilíbrio do gesto minimalista e controlado. Manipulam fios invisíveis que anunciam o próximo objecto a ocupar a cena: um pássaro branco preso a um fio vermelho, movido pelos três intérpretes. Corta-se o fio do pássaro e as mãos continuam a manipular as matérias ausentes.

A marioneta de uma criança com uma máscara branca atravessa a cena, caminhando até à casa. Até lá chegar terá de atravessar o rio. Vemos os passos hesitantes da criança a saltar as pedras e ouvimos o ruído do rio, onde passa uma carpa manipulada por dois arames num movimento ondulante. Ultrapassado o obstáculo da água, uma constelação de pirilampos indica-lhe o caminho até à casa. Dentro da casa ouve-se o crepitar de uma lareira e o piar de um mocho. Uma velha prepara uma sopa que vai servir à criança.

Cada peça do cenário, cada plano de cena é repleto de simbolismo e poesia, num equilíbrio justo, onde nenhum gesto é dispensável e todos os elementos constituem pontos que se ligam numa narrativa que se relata sem palavras. Uma caixa onde jaz um pássaro morto é enterrada numa cerejeira. Numa incursão ao passado surge a cerejeira com um par de cerejas e a marioneta de uma mulher jovem. Será a mesma mulher que envelheceu e agora prepara a sopa para a criança? Sempre sem palavras, num percurso de sensações e elementos simbólicos vamos juntando as peças e desenrolando a trama da história que nos evoca o passar do tempo, “o reencontro com a simplicidade, do brincar, do amar, do prazer encontrado nas pequenas tarefas diárias” (folha de sala).

“Kitsune” é acima de tudo um espectáculo de contemplação, um périplo de onirismo onde se evoca o culto da natureza, o despojamento e o desapego do eu inerente às filosofias zen orientais que insiste na libertação da angústia da morte. O indivíduo surge integrado e subjugado aos elementos da natureza que ditam a lógica do mundo e o ciclo da vida. A criança incarna o corvo, a velha transforma-se numa raposa e os mortos enterram-se na cerejeira que passado o Inverno voltará a dar flor. Também virado para Oriente, Artaud alertava “O céu ainda pode cair em cima das nossas cabeças. E o teatro serve antes de mais para nos ensinar isso”.

Outubro 25, 2016

Catarina Firmo

A ironia do singelo [Kitsune]

Manuel Xestoso

FIMP – Festival Internacional de Marionetas do Porto

Teatro Rivoli, 20 outubro 2016

Por mais paradoxal que possa parecer, talvez a imagem mais precisa da morte seja a de uma criança. Numa sociedade secularizada em que a ideia da vida como uma passagem perdeu legitimidade, a alternativa para elucidar o tabu da passagem poderia passar por compreender a vida como parte de um ciclo, em que umas existências substituem as outras. E não se trata de adscrever-se a um misticismo panteísta: nesta leitura reside uma possibilidade emancipadora de combater a banalização alienadora que mantém a contemporaneidade afastada de qualquer código de valores estável, para além do culto ao sucesso.

Kitsune tem uma aparência amável e cordial e, apesar de falar da morte, é delicado. A natureza revela-se como um espetáculo delicioso cuja beleza há muito que deixámos de contemplar e que redescobrimos como quando encontramos uma fotografia antiga que nos traz à memória uma época mais amável. As relações entre os personagens emanam uma singeleza que não pertence só aos contos infantis – como podemos supor – mas que há muito tempo que não cultivamos.

Talvez o mais admirável seja precisamente essa ingénuo simplicidade que recupera parte da graça primitiva que Artaud encontrou em algumas formas teatrais do Oriente.

Não obstante, existe neste espetáculo uma forma de ironia dada pela própria candidez da narração. A estratégia é a de contrapor a simplicidade com a aparente sofisticação. A imagem de uma vida singela age de uma maneira subversiva, já que, se a complexidade pode ser explicada a través da simplicidade, não é tão complexa; se a simplicidade é uma forma adequada de esclarecer o que é complexo, então é porque talvez não seja tão simples.

Esta transferência de categorias impõe uma revisão de significado que, em Kitsune, encontra o seu transmissor numa estética delicada com referências orientais e, que nos lembra, que a falta de arrogância pode recuperar a ductilidade do teatro em relação aos seus objetivos imperecíveis. A inocência como valor dramático recupera o mérito que parecia esquecido na pomposidade usual do teatro contemporâneo.

Numa sociedade moderna, parece obrigatório renunciar a qualquer resto de vida sensitiva a favor do mito da produção desenfreada. A narração sem ênfase, a mistura do imaginário com a realidade, a morosidade nos detalhes plásticos, permitem desmascarar essa filosofia de acumulação. Possivelmente, seguindo aquele conselho de Fredric Jameson: “devemos refletir sobre a anomalia que é, que só no contexto mais completamente humanizado, aquele que representa de uma forma mais completa e evidente o produto final do trabalho humano, a vida torna-se carente de sentido; e que esse desespero existencial manifesta-se em primeiro lugar como tal, de uma forma diretamente proporcional à eliminação da natureza.

A poesia e a experiência da sensualidade conduzem o espectador a valorizar em Kitsune o desembaraço e a universalidade de uma forma de contar que nos conecta a uma raiz remota ainda mais vigorosa: talvez o assombro originário que nos impele a contar histórias em cima de um palco. E também a desenhar uma visão da tragédia com o objetivo de mudar de vida. Mudar o mundo.

Outubro 20, 2016

Manuel Xestoso

"Olhar a morte nos olhos e dar-lhe a mão" pelo Teatro de Marionetas do Porto

Ao sexto dia, o AMO-Teatro apresenta no Fórum Machico 'Kitsune', uma reflexão sobre a vida e a morte.

Um espetáculo contemplativo, integralmente sem palavras, mas munido de um poderoso arsenal simbólico, que promete comover.

O AMO-Teatro prossegue esta noite, fazendo subir o pano do auditório do Fórum Machico para um dos momentos mais aguardados desta IX edição do festival. Falamos de 'Kitsune', palavra japonesa que dá nome ao espetáculo trazido à Madeira pelo Teatro de Marionetas do Porto. Ouvimos a palavra "marionetas" e pensamos logo em crianças, mas esta não é uma narrativa dirigida ao público infantil. A história conta-se sem recurso às palavras; talvez porque a temática é a morte e a morte prescindida dessa gramática das letras, que hoje, na velocidade dos dias, já quase não sabemos ler. Por isso, a proposta é "olhar a morte nos olhos, servir-lhe uma sopa quente e dar-lhe a mão", assim reza a sinopse.

Em entrevista à FM JM, Rui Queiroz de Matos, encenador, produtor e um dos três elementos do elenco, juntamente com Micaela Soares e Vitor Gomes, vai mais longe na indagação do conceito: 'Kitsune' "não é um espetáculo de marionetas, é um espetáculo com marionetas", em que os atores de carne e osso e outros que, pelas suas mãos, se deixam encarnar se fundem na mesma cena, sendo partes inteiras de um único e complexo corpo da ação.

No silêncio, vai, então, crescendo este conto de Júlio Vanzeler, que este para ser uma curta-metragem de animação, e acabou por sair da "story-board" para este palco portuense, surgindo na sequência do desafio lançado pela companhia ao autor. "Na verdade, a "story-board" era a única coisa que existia, e foi daí que partimos para a encenação", recorda Rui Matos, enquanto se adentra na peça.

"É um espetáculo sem texto, diferente dos outros, muito contemplativo, que reflete sobre a morte e sobre o facto de estarmos sozinhos na morte. "No entanto, o ator adverte que, abordando o fim da vida e a solidão que se lhe cola, é a própria vida que também ganha protagonismo. Aparentemente paradoxal, esta ideia reveste-se de todo o sentido quando percebemos que a consciência quotidiana da inevitabilidade do fim pode transformar a maneira como vivemos até lá. E mudar a perspetiva que temos de nós mesmos, dos outros e de tudo aquilo que nos rodeia.

"Ao falarmos da morte, damos a conhecer o ciclo da vida, que é perpétuo. Quando nascemos já estamos a morrer, e é essa a ideia de continuidade que, ali, se pretende refletir, pintada pelas mitologias japonesa e nórdica, misturando culturas." A partir dessa mistura de culturas, 'Kitsune' é o termo japonês para raposa, mas esta raposa importada à cultura nipónica é, no fundo, uma figura mitológica. "Uma raposa que também é mulher, uma espécie de demónio que tanto pode ser bom como mau". Descreve.

'Kitsune' é, afinal, um ensaio que põe o pé em duas 'chagas', na vida e na morte, com o propósito de alertar para a urgência de um retorno à simplicidade e à comunhão com a Natureza, mostrando que, por vezes, do palco à vida real, dista pouco mais do que uma unha.

Para ver e fazer pensar, hoje, a partir das 21h00. Os bilhetes custam 12,50 euros e estão disponíveis no local. O festival AMO-Teatro, iniciativa organizada pelo Teatro Experimental da Camacha (TEC), arrancou a 23 de março e prolonga-se até ao próximo dia 1 de abril.

Susana de Figueiredo *in* Jornal da Madeira, 28.03.2018

FOTOGRAFIA DE CENA

KITSUNE



FOTOGRAFIA DE CENA

KITSUNE



FOTOGRAFIA DE CENA

KITSUNE

